

## **Palestra Paul – O Simbólico, o imaginário e o real na articulação com a esperança, a crença e o conhecimento.**

Agradecimentos e boas vindas.

Paul agradece a todos pela presença e diz que ele vai tentar se dirigir, sobretudo as pessoas que ele não conhece. Ele vai buscar mostra a importância desse mundo intrapsíquico na direção de uma filosofia pessoal de cada um. Ele desenvolveu esse trabalho durante todos esses anos através do contato e da pesquisa com pessoas que buscaram explorar o contato do mundo intrapsíquico nessa direção do inconsciente para o consciente e também, sobretudo através do contato com o mundo intrapsíquico dele, ou seja, a terapia paralela do psicoterapeuta porque o terapeuta está sempre trabalhando sobre si próprio. Trabalhando sobre as diferentes estruturas caracteriais: pessoas rígidas, psicóticos, pessoas histéricas, em casos depressivos e etc. Então para ele um psicoterapeuta é alguém que antes de tudo está formado e faz um trabalho sobre si próprio e esse trabalho sobre si nunca termina.

Paul diz que busca constantemente trabalhar por baixo das neuroses na direção do ser, não é sobre as neuroses, mas principalmente na direção do ser que tem as neuroses e em consequência disso emerge toda uma filosofia, as crenças da pessoa e do próprio terapeuta. (E de cada vez mais que se possa olhar o mundo através dessas crenças). Ele pede então para não acreditarmos no que ele está dizendo, o que permite a ele dizer o que ele pensa, porque se acreditarmos em tudo o que ele diz, ele não pode falar porque é fundamental a diferenciação. Não somos obrigados a estar de acordo com ele.

Ele vai tentar mostrar como todos nós criamos crenças, iniciando do começo, do início de nossa existência. Nós temos pelo menos duas direções que falam dentro da gente, o inato e o adquirido. O inato é o que é natural, o que vem de si mesmo, o que Freud poderia dizer o que vem do *isto*. E em francês é bonito porque a gente encontra a palavra "*sacré*" que é o *isto* que cria e também a gente escuta o "*ça cré*" como o sagrado. E o adquirido é o que vem do externo, do ambiente e interessante que em francês o adquirido a gente escuta ("*à qui*") para quem, ou seja, é do outro ou é de mim mesmo?

Paul conta uma história rápida sobre si. Desde pequeno a família dele o colocou na direção da igreja Protestante, mas ele não estava protestando contra nada e hoje aparentemente ele continua sendo protestante e a vida dele se tornou lutar para e não contra. Então podemos entender que a transmissão das crenças afeta a pessoa, a mesma coisa na estrutura da neurose. E uma coisa importante é que a gente possa pensar sobre o núcleo saudável na pessoa, pois na psiquiatria, na psicologia a gente fala do núcleo neurótico, doentio como núcleo da base. Como hipótese então, falamos sobre esse nosso núcleo saudável, que seria uma parte nossa, na base, que tem contato com o inato em nós. A hipótese é que o inato tem um sentido profundo que não é só um *isto*, não é só um motor, uma pulsão primitiva, mas pode ser um início de um ser em movimento e que, gradualmente, vai ganhando espaço, emergindo.

Agora a noção das crenças, a gente tem então esse núcleo saudável ligado à natureza, ao inato em nós. Ele espera que seja o caso de todos nós termos esse núcleo. Agora imagine se algumas pessoas têm e outras não, então caímos em determinadas formas de religião

daqueles eleitos e os não eleitos, mas temos o direito de sentir esse contato, dessa profundidade que é justa.

E agora a gente começa a entrar no mundo intrapsíquico. Pegando o exemplo de uma criança de 4 ou 5 anos que vive algo que não é justo nessa relação com os pais. A criança tem duas imagens: uma que é a imagem do real que diz que isso não é justo, e outra imagem imaginária de um mundo que é justo, mas que não está presente, isso é muito sutil. A criança pode dizer: "isso não é justo", pois ela tem outra imagem. Então o real não é justo, mas ela tem o real que compara ao mundo intrapsíquico que é justo (outra imagem), mas que não é real. Se a criança continua vivendo esse contato com esse núcleo saudável nela mesmo, mesmo num mundo muito complexo, que não é sempre e, raramente, é justo. Então o real, o ambiente tem uma influência pertinente e, se no momento em que uma criança fica invadida por esse real, ela perde o contato com esse mundo intrapsíquico interno. Como na ilustração seguinte, pense num menino que está brincando com um pedacinho de madeira como se fosse um carro e o vem pai e fala: "você sabe isso não é um carro", e ele diz: "sim, eu sei pai" e continua a brincar, então ele fica em contato com seu mundo intrapsíquico, mas imagina se ele fala: "sim, papai é verdade" e ele deixa para lá esse pedacinho de madeira. Então ele fica invadido, atravessado por um real, e como vocês querem que ele crie algo que não existe se, o tempo todo, ele vai responder para esse real.

Então Paul propõe três mundos, têm muitos mais, mas ele não conhece os outros, ele procura simplificar um mundo complexo. Então o mundo simbólico, o mundo imaginário e o mundo real e ele vai tentar descrever o que ele quer dizer com isso. O mundo real é um limite. E para o mundo imaginário, existe uma ilustração interessante, é como um cabide, no cabide a gente vê o casaco que não está lá, é o imaginário. Tem outra definição do real ("mas não acreditem nele"). É o encontro com o outro, é simples e quase bobo, mas é muito profundo. Uma partícula que encontra uma outra partícula e cria um outro real. Ou seja, uma parede ou um muro que encontra outro muro, cria um canto. Agora o simbólico, a palavra símbolo é definida como um objeto ou uma forma que representa uma coisa que não está aí. Como, por exemplo, a bandeira brasileira, esse pequeno pedaço de tecido é um símbolo, mas o tecido não é o Brasil e cada um vai viver de forma diferente. É uma forma, uma coisa que representa algo que não está aí e podemos encontrar isso no inconsciente. Simbolização, para ele, é conceber um mundo complexo no resumo de um pensamento simples, significa que eu simplifico a minha experiência de um mundo complexo. Para ele estar aqui é profundo, mas na profundidade é uma experiência complexa, ele não conhece todo mundo aqui, ele busca transmitir uma reflexão que possa estimular, ou seja, ele faz uma conclusão que é uma simplificação do mundo complexo. É uma simbolização. E isso tem a tendência de se tornar uma crença. Significa que ele estrutura os pensamentos numa conclusão.

O depressivo pode dizer ninguém me ama, o psicopata pode dizer todo mundo tem que me amar. O oral que vai encontrar sempre que o sonho é melhor que o real, são simbolizações conceituais de um mundo complexo. A minha existência simplificada pode ser: ele nasceu, ele viveu e ele morreu. É simples né? O mundo simbólico pode indicar algo que representa alguma coisa que poderia ser real, mas que não forçosamente é real. Precisamente algo que poderia ser essencial na experiência e que não é forçosamente consciente. Jacoby que é um médico biólogo, com prêmio Nobel de biologia em 1975, disse uma frase muito

tocante: “o sonho de uma célula é se tornar duas células”. Eu não sabia que uma célula sonhava, mas é bonito. O que ele está dizendo através disso é que a célula na sua biologia tem uma imagem do que vai se tornar, do devir, ele também vai procurar fazer uma boa frase: “os sonhos não dormem nunca, somos nós que dormimos” para dizer que nós temos mais que sonhos, nós temos imagens que são fundadoras do ser, que nos estimulam para encarnar o que nós devemos nos tornar.

Evidentemente o ambiente, o adquirido, as transmissões vão afetar o desenvolvimento desse inato, pode ter muita chuva, muito vento. E felizmente não somos perfeitos, mesmo quando tentamos ser perfeitos como pais, não somos, porque se tivéssemos sido perfeitos, a criança teria ficado muito colada e dependente durante toda sua vida, incapaz de viver enquanto diferenciado no real. Ele vai tentar definir então esse mundo simbólico, esse mundo intrapsíquico que responde a todas as necessidades fundamentais, por exemplo, eu tenho fome, isso vem do meu biológico, da lógica do meu bio. Ele tem uma atração especial por queijo, ele está longe do simbólico, pois no simbólico ele poderia comer muitas coisas. Então ele sai e compra um super queijo, ele volta para casa e coloca na geladeira, mas não é o momento de comer, ele não está com fome, mas ele sabe que tem o queijo dele, que ele é compulsivo, rígido, obsessivo, tem sua fixação. Ele simbolizou que simplificando ele tem o queijo dele, ele sai na rua e depois de uma hora e meia ele fica feliz porque sabe que quando voltar para casa ele vai comer o queijo dele. Voltando ao apartamento, ele logicamente começa a ter desejo, o organismo já está se preparando para ir nessa direção, ele entra no apartamento com o desejo. Imaginem a fixação dele, ele abre a geladeira, e meu queijo não está mais lá, então o tempo todo ele comeu um queijo imaginário e, no entanto, ele comprou um queijo real. A esposa dele fala: “querido eu comi o queijo”, ele fala: “não, isso é falso, você comeu o MEU queijo”, e ela diz: “eu comprei um peixe incrível” e ele achou ela bastante egoísta, e agora ele tem a escolha da experiência entre o queijo que ele não tem e o peixe que ele não conhece. Nem é mais seguro que ele sinta fome, aqui então o simbólico não está muito ativo na direção do consciente, então o que ele faz: “eu não tenho mais fome, eu vou sentar aqui e vou esperá-la” e ela chega e pergunta: “como foi o peixe”, ele diz que prefere não dizer o que aconteceu.

Essa experiência delicada e difícil pode ajudar a compreender a diferença entre o imaginário, o simbólico e o real porque precisamente o simbólico no intrapsíquico, ele poderia comer tudo o que podia fazer bem para ele. Se agora a gente transpõe para a relação amorosa, ele não está dizendo que vocês podem amar todo mundo, mas ele também não está dizendo que vocês só podem amar uma pessoa, talvez uma pessoa de cada vez, isso se torna complicado. Isso lembra uma história de uma mulher num grupo, ela se emocionou muito e entrou num pranto e o Paul chegou perto dela para perguntar o que estava acontecendo, e ela disse: “meu amor foi embora”, “sim”, ele fala e ela: “eu me sinto deprimida já tem cinco anos”, e ele pergunta: “mas o que aconteceu?”, e ela: “meu amor foi embora”, “mas espera aí, onde está seu amor?” diz o Paul, e ela responde: “ele partiu, ele foi embora”, “mas espera aí, não estou entendendo”, diz Paul. E ele começa a brincar um pouco, ele levanta o colchonete e pergunta: “mas onde está seu amor?” e ela para de chorar e ela estava olhando o terapeuta procurando o amor debaixo do colchão e ele pergunta de novo: “mas onde está seu amor?”, e ela começou a ficar meio confusa, toda a estruturação das crenças dela estava se mobilizando, ela diz: “mas meu amor foi embora”, e Paul pergunta: “mas ele foi embora para onde? Quando

é que você vai retomar seu amor?”, e ela diz: “mas é o meu amor” e ela já estava em pé, já estava com uma força dizendo: “mas é o meu amor” e isto mudou a vida dela. Depois desse evento, depois de um tempo, ela disse para ele que ela não se sentia mais deprimida, ela realizou que o amor dela pelo outro, para o outro é dela, talvez isso seja uma história comum a todos e isso só para integrar se vocês já se divorciaram, tiveram já está experiência ou se já está previsto buscar o futuro ex, o teu amor pertence a quem? Talvez precisamente esse amor que a gente tem da gente é simbólico e vai se manifestar no real, e precisamente o que é simbólico na gente vai se manifestar no real, o sonho de uma célula é se tornar duas células.

Então ter acesso a este élan do sonho que nos habita, e para isso ele vai trazer uma ilustração, não é assim que funciona, é uma ilustração. Vamos ver nessa ilustração uma célula na posição A que vai à direção de uma posição B, e que vai ter esse movimento de A para B. Uma hipótese é que na posição A ela já tem a imagem dessa lógica da posição B e quando ela passa de A para B, ela funciona normalmente, ou melhor, naturalmente. Agora ele não sabe se vocês sabem disso, mas provavelmente vocês já viveram isso, eu queria passar de A para B, mas alguma coisa passa entre, no meio, talvez no trânsito no Rio de Janeiro isso seja bem conhecido. Então A indo na direção de B e entre A e B passa algo, e ele vai chamar isso de C, então ele volta para o A e vou tentar me aproximar a B novamente e eu chego no C, eu continuo, A para B (mas tem um bloqueio entre), e agora eu conheço cada vez melhor esse C, eu queria ir para o B, mas eu começo a conhecer bastante bem esse C. Então eu faço A para C, só que finalmente eu perco contato com essa imagem e faço A para C1, A para C2, A para C20... A para C crônico, e eu não tenho mais contato com esse élan inicial e eu vivo numa direção aonde eu faço uma aliança com o obstáculo e eu perco contato com o que eu queria (B). Ele se tornou especialista de estudar esses casos quando fez estudos superiores sobre a neurose e o que ele está falando é que as pulsões, os élanos têm um sentido, não precisa acreditar nele, é uma crença.

Freud evocou bastante a noção de pulsão, ele usa essa palavra em alemão: *trieb* que é um impulso, um élan e *drang* que é uma pressão, eu me aproximo de A para B com um élan, mas para C é com uma pressão e isso pode se transformar numa depressão. Quando ele vê pessoas depressivas em terapia já na entrevista ele fala: “então você tem uma de-pressão”, aí a pessoa fala: “mas eu não tenho força”, e Paul diz: “claro que você não tem força, você tem um élan e algo que te embarrera, que te pressiona, isso é uma dupla pressão que você carrega, eu entendo bem porque você se sente cansado, evidentemente”. Ou seja, o élan que foi aprisionado, retido durante muitos anos. Freud falava da teoria das pulsões na direção da fala, do verbo como expressão, mas ele sublinhou que as pulsões estavam recalçadas e quando o recalque retorna era com força, era com a pressão, com *drang*. E a gente pode aprender muito com isso porque no mundo intrapsíquico temos todo um mundo que está trabalhando internamente, que recebe impressões, que gera reações e que procura dar lugar para esses élanos. Um depressivo na rua e um homem que vai e pisa em seu pé e o depressivo diz: “desculpa”, então tem um depressivo que está andando na rua, vem um homem que pisa no pé dele e ELE diz: “desculpa”. De novo, um depressivo e um homem que pisa no pé dele, não foi ele que colocou o pé por debaixo do sapato do outro, mas é ele que pede desculpa porque é crônico e clássico do depressivo que ele se sente sempre culpado. Isso é uma ilustração, mas depois de três anos de terapia uma mulher anda na rua e um homem vem e pisa no pé dela e ela morde os lábios e sangra e ela diz: “olha o que você me fez”, e o homem: “não, eu não

toquei nos seus lábios não, é verdade, eu pisei no seu pé”, e a mulher: “mas olha só o que você fez nos meu lábios”( é como um casal), o homem:”não, eu pisei no seu pé”. Na próxima sessão ela realiza eventualmente que ela ficou afetada, ela sentiu raiva, mas a raiva tinha muita carga em relação ao contexto antigo então ela procurou conter, ela apertou os lábios e os lábios entraram entre os dentes e ela própria se mordeu, mas isso já é um processo terapêutico, o que é melhor de dizer:”me desculpe” ou de morder os lábios, cada um tem suas escolhas.

Ele propõe que todos têm uma esperança profunda interna, a cada instante. Ele vai dar um exemplo. Ele espera quando ele fala que possamos compreendê-lo. Então ele fala e numa etapa posterior ele crê que vocês estão compreendendo-o. Agora que estou falando, eu vou saber, conhecer se vocês me entenderam e talvez eu compreenda que vocês não me compreenderam, então eu continuo esperando sempre que vocês me compreendam, mas em não acredito mais, então eu não falo mais e eu me dou conta que eu não sou compreensível, mas se é verdade que tem algo profundo em mim que espera e que está lá aguardando, mas como eu não acredito, eu retenho e eu me dou conta, eu reconheço a minha tensão, que eu estou tenso, e infelizmente-felizmente eu continuo esperando sempre, mas eu acredito que não é possível e eu acabo fazendo no real que não seja possível, ai eu reconheço que não é possível. Olhe como a pressão continua existindo internamente. Então o cerne é que este élan profundo é fundamental e, provavelmente, esse élan também vai buscar se liberar, mas se liberar em relação ao que impede ou simplesmente deixar ir. Será que liberar a força retida é dançar ou é precisamente na relação com outro, ou seja, o endereço correto, justo que é onde eu retenho e ai eu vou liberar, ou eu estou dançando para me sentir livre, mas não para me liberar de fato. O que é interessante é poder fazer os dois, olhe como muitas mulheres e homens evitam problemas relacionais, ele não está seguro se o que a gente faz é psicoterapia, ou melhor, ele tem certeza que não é psicoterapia, pois não estamos doentes. Tem uma frase de um cliente que pergunta se essa psicoterapia tem uma restituição do seguro médico social, e ele pergunta:”mas o senhor está doente? Não, e é por isso que não tem restituição”. A gente chama isso psicoterapia, a gente podia falar de uma filosofia pessoal, é poder reconectar o que é essencial no ser.

Nós podemos explorar esse mundo intrapsíquico num lugar que não tem consequência no real, nesse lugar a consequência é o que a pessoa vai trazer para ela própria. Ele próprio se permite depois de um trabalho tão importante de Freud ser um livre pensador e de poder questionar também os mestres mais antigos, mas também pegar a experiência deles, o conhecimento deles e as indicações e se questionar. Será que o trabalho da expressão não é somente o falar, mas trabalhar as emoções retidas, as expressões retidas que possam liberar a pessoa a encontrar um melhor equilíbrio. Uma psicoterapia, uma terapia, é uma exploração de si mesmo, onde a pessoa possa experimentar mais a sua livre escolha e de poder recuperar uma parte que tenha mais contato consigo mesmo, de se descolar de todo um ambiente que a invadiu.

Enquanto psicoterapeuta, simplificando existem três formas de neurose, neurose por reação, o impacto da violência de alguém, ou falta, quando o pai bate numa criança, essa criança se protege, e outra forma é por uma identificação, esse filho quando ele se torna adulto que diz:”eu não vou fazer nunca como meu pai”, talvez ele faça exatamente a mesma coisa (ele já teve muitos exemplos) e para as mulheres:”eu não vou fazer nunca como minha

mãe”, trinta anos mais tarde ela se vê fazendo muitas coisas iguais, isso faz parte da vida, mas é importante se dar conta e ter consciência disso. A terceira forma da neurose a gente pode falar sobre a genética. Por exemplo, os genes da criatividade, ou o intelectual, se a pessoa não utiliza esse potencial, o risco é de negar suas potencialidades, suas capacidades. O Paulo Coelho é um exemplo em que o pai dele queria que ele se tornasse um engenheiro e ele não queria, ele foi obrigado, finalmente ele seguiu uma outra direção, alguém que é sensível a literatura, a pintura, a arte que vai se tornar um contador, ele vai ficar completamente fora de si próprio, e ele nem fala só do ponto de vista profissional. Uma pessoa que se perde no outro e que não tem consciência e uma pessoa que realiza que ela se perde, ela já está se encontrando, quando a pessoa realiza isso. Talvez a gente se perca todos os dias um pouco, mas poder realizar isso a gente se reajusta.

Na última parte do que ele quer trazer são as crenças ligadas as nossas experiências filosóficas na vida, as transmissões. A gente pode diferenciar entre a origem e o pertencimento, a origem é da onde eu venho, ele fala frequentemente que ele é um homem do sul só que isso não aparece, ele nasceu na Noruega, lá é muito lindo no cartão postal, ele habita no sul, ele se casou com uma mulher do sul e é essa é uma das razões que ele gosta de vir ao Rio. Então a origem e pertencimento não é a mesma coisa, as crenças são transmitidas pela família. É uma traição se a gente tiver outras crenças, outros valores? Importante é ser livres pensadores, pensar o que é justo para si, sem precisar romper com a origem. Estamos numa época que é gerada por crenças religiosas numa contradição do bom sentido da espiritualidade, tiveram muitas guerras entre religiões já lá no século XVI entre os protestantes e os católicos. Nós temos referências de crenças, do sentido da nossa vida numa meta filosofia e também uma micro filosofia (se vocês perdem a carteira de vocês é traumático, e agora eu vou precisar pedir para meu vizinho, não é grave). Tem sempre escolhas de experiência que são mini filosofias o tempo todo quando o homem fala para mulher: “você está linda agora”, “e antes eu não estava”, diz ela, é complicado ser um homem, mas o pior quando um homem e uma mulher estão num restaurante e a porta de entrada está atrás do homem, e uma mulher linda chega, ele olha e a mulher diz: “ela é bonita né?”, e o homem: “quem? quem?”, “mas você viu”, diz ela, e o homem diz: “mas é você que é bonita”, e a mulher: “você está mentindo”, se ele fala: “sim ela é linda” e a mulher vai dizer: “e eu então?”, ele fica completamente aprisionado, então para um homem nunca é bom sentar com a porta atrás dele. Ele fica disponível para questões que vocês queiram trazer.

Pergunta da platéia: O trabalho é feito em cima das crenças?

Paul: não, o trabalho é feito baseado na experiência da pessoa para que ela encontre as suas próprias crenças, essa questão é muito interessante porque a filosofia é uma transmissão, toda filosofia é uma transmissão, o que ele procura é ajudar a pessoa a encontrar a sua própria filosofia e não transmitir, ele não pode transmitir, mas é a busca que ela própria encontre a sua própria filosofia. E numa cosmologia filosófica, pois é na filosofia de todos os dias, a cada instante. A gente criou muitos contratos internos e esses contratos vão se colocando em ação.